

# **DIVERSIDADE LINGUÍSTICA NO ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA NA EDUCAÇÃO DO CAMPO**

Profª. Dra. Cinthya Torres de Melo  
(Universidade Federal de Pernambuco - NELFE - Campus do Agreste – UFPE/CAA)  
Maria Sirleidy de Lima Cordeiro  
(Universidade Federal de Pernambuco- Campus do Agreste – UFPE/CAA)

## **Resumo**

A língua é uma manifestação identitária dos sujeitos e que apresenta dimensões sociais, locais, territoriais e subjetivas muito particulares devendo ser respeitada em sua integridade, pois a língua é usada por sujeitos sociais e políticos. Nesta perspectiva, esta pesquisa apresenta reflexões acerca da valorização das variações linguísticas enfatizando que a educação linguística no Programa ProJovem Campo, põe em relevo a necessidade de que deve ser respeitado o saber linguístico prévio de cada sujeito, garantindo-lhe o respeito a sua identidade linguística no ato da interação social sem, contudo, negar-lhe o direito de acesso à variante padrão chamada de norma-padrão, e que deve ser ensinada, também, pelas escolas. A variante padrão não é a única forma de definir a língua, pois esta é viva, multicultural constituída de interferências externas e internas dos sujeitos e das situações socialmente situadas. A abordagem é qualitativa, tendo como fontes de informação as educadoras de linguagem e códigos, os/as educandos/as do ProJovem Campo e as observações participantes nas aulas desta área. A educação em língua portuguesa, neste Programa, presta relevantes contribuições para a consciência axiológica das variantes linguísticas dos jovens e adultos camponeses, fortalecendo o respeito à diversidade linguística e contribuindo com a descontextualização do preconceito linguístico, muitas vezes proferido aos sujeitos camponeses.

Palavras-chave: Educação. Diversidade Linguística. Educação do Campo.

## **Introdução**

Discorrer acerca da diversidade linguísticas no ensino da área de Linguagem e seus Códigos, no Programa ProJovem Campo - Saberes da Terra em Pernambuco, no Município de Brejo da Madre de Deus, Sítio Açudinho, implica em considerar este estudo em uma perspectiva de construção interativa, em que o ensino se encontra inserido nas vivências e contextos sócio-histórico-culturais dos discentes, em um vínculo indissociável entre respeito e identidade do povo do campo.

Este trabalho, ora apresentado, é uma maneira de ampliar os estudos que envolvem a educação do campo e o ensino de língua portuguesa, ao mesmo tempo constitui-se em uma tentativa de oferecer possibilidades para uma reflexão mais heurística e fenomenológica, com subsídios teóricos e práticos, para o despertar de uma consciência educativa, em prol do fortalecimento das variantes linguísticas dos jovens e adultos do campo, e conseqüentemente, do fortalecimento da identidade camponesa, externando em suas falas um discurso condizente com as vivências.

## **Revisão teórico-metodológica**

Do ponto de vista teórico, este estudo foi realizado à luz de autores como Luiz Antônio Marcuschi (2004), Stella Maris Bortoni-Ricardo (2004) e Marcos Bagno (1999), entre outros. Os teóricos estão, essencialmente, relacionados à Linguística Aplicada, à Pragmática, à Linguística Textual e à Sociolinguística.

O ProJovem Campo-Saberes da Terra desenvolve uma política que fortalece e amplia o acesso e a permanência de jovens e adultos agricultores/as familiares, situado na faixa etária de 18 a 29 anos, como também oferece Qualificação Social e Profissional para agricultores/as Familiares. O Projeto foi pensado como forma de conseguir a interseção de ações entre o Governo e os movimentos sociais, um de seus objetivos é permitir o “fortalecimento da educação do campo na esfera pública a partir de experiências concretas dos movimentos sociais” (BRASIL, 2005, p. 2). Partindo da proposta do Programa, este trabalho utiliza uma metodologia que acompanha e congrega as observações de aula participativa analisadas. Minayo (1994, p. 21) salienta que “a pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares, ou seja, ela trabalha com o universo dos significados, dos valores e das atitudes”. Por isso, “é importante afirmar que o objeto das ciências sociais é essencialmente qualitativo” (MINAYO 1994, p. 14).

Neste sentido, o grande foco para a construção deste trabalho foi a observação, a análise e os encontros com os/as educandos/as e educadores/as do Programa. Lage (2005, p. 198) afirma que a cada encontro é preciso “observar, além das falas e dos silêncios, os espaços, os atores, as atividades, a atmosfera do ambiente, os comportamentos e os sentimentos”. Como instrumento de pesquisa foi utilizado a entrevista que se constitui-se como “[...] o procedimento mais usual no trabalho de campo. Através dela, o pesquisador busca obter informes contidos na fala dos atores sociais [...] Uma conversa com propósitos bem definidos, podendo obter dados objetivos e subjetivos” (MINAYO, 1994, p. 57).

Neste trabalho traçou-se este caminho para melhor evidenciar e tornar mais contundentes os resultados, pois a importância desses registros, acima apresentados, consiste no fato de ser um modo conciso de reunir todas as informações e assegurar uma análise credível dos dados, na medida em que essas informações se constituíram num arsenal de grandes aprendizagens e discursos preciosos para a construção do estudo.

O ensino da diversidade linguística, no Programa Projovem Campo Saberes da Terra-PE, parte da perspectiva de que a língua é uma manifestação identitária dos sujeitos e apresenta dimensões sociais, locais, territoriais e subjetivas muito particulares devendo ser respeitada em sua integridade, pois a língua é usada por sujeitos sociais e políticos.

### **Discussão**

A educação linguística põe em relevo a necessidade de que deve ser respeitado o saber linguístico prévio de cada sujeito, garantindo-lhe o respeito a sua identidade linguística no ato da interação social sem, contudo, negar-lhe o direito de acesso as outras variantes linguísticas, principalmente à variante padrão chamada de norma-padrão, e que deve ser ensinado, também, pelas escolas. Os comportamentos linguísticos da classe dita “opressora” e “dominante”, na perspectiva do ensino da variação linguística e do respeito à diversidade linguística, não devem ser considerados nem melhores nem piores no ensino de língua portuguesa, pois todas as variantes têm seu valor e seu lugar de uso da língua, além de representarem a identidade social, histórica, cultural e regional de cada sujeito (BAGNO, 1999).

Neste sentido, ensinar o respeito às variantes linguísticas e aos seus usuários é ensinar que a língua ultrapassa as fronteiras das regras gramaticais, desvendando preconceitos estigmatizados na sociedade e abordando as diferenças dialetais, de classe social, de idade, de sexo, de variação histórica, de variações de registro e ainda a necessidade de o falante utilizar mais de uma variante linguística dependendo dos contextos situacionais que se lhes apresentem.

O ensino da diversidade linguística, no Programa Projovem Campo Saberes da Terra-PE, põe em destaque uma postura pedagógica inclusiva ao unir as propostas dos eixos temáticos do Projovem, voltados para o homem do campo, com a perspectiva de respeito aos fatores que causam variação linguística. O direito ao ensino e ao reconhecimento dos fatores de variação na língua corrobora para o fortalecimento da identidade linguística dos falantes do campo, consolidando uma ação de formação educativa que respeita e assegura as peculiaridades linguísticas dos povos do campo. O artigo 28 da Lei 9394/96 – LDB afirma que:

Art. 28. Na oferta de educação básica para a população rural, os sistemas de ensino promoverão as adaptações necessárias à sua

adequação às peculiaridades da vida rural e de cada região, especialmente:

I - conteúdos curriculares e metodologias apropriadas às reais necessidades e interesses dos alunos da zona rural;

II - organização escolar própria, incluindo adequação do calendário escolar às fases do ciclo agrícola e às condições climáticas;

III - adequação à natureza do trabalho na zona rural

(BRASIL, Lei Nº 9394/96 de 20 de dezembro de 1996).

A introdução do art. 28 chama a atenção para o ensino básico com respeito às peculiaridades da vida rural. A educação linguística e variacionista precisa e deve achar o seu lugar nas peculiaridades do ensino e do uso da língua no campo. Descontextualizar a ideia de que ensinar língua portuguesa é ensinar apenas a gramática e o uso da norma-padrão é o primeiro passo para um ensino de língua com respeito aos aspectos sociais, territoriais, históricos, culturais, políticos e econômicos de seus falantes. O respeito à diversidade linguística se dá quando os diversos usos da língua não são considerados nem melhores nem piores no ensino de língua portuguesa, pois todas as variantes linguísticas (padrão, coloquial, popular, jargão, gíria...) têm o seu valor e o seu lugar de uso na língua, além de representarem a identidade social, histórica, cultural e regional de cada sujeito (BAGNO, 1999; BORTONI-RICARDO, 2004). Veja-se, agora, a estrutura do currículo do Projovem.

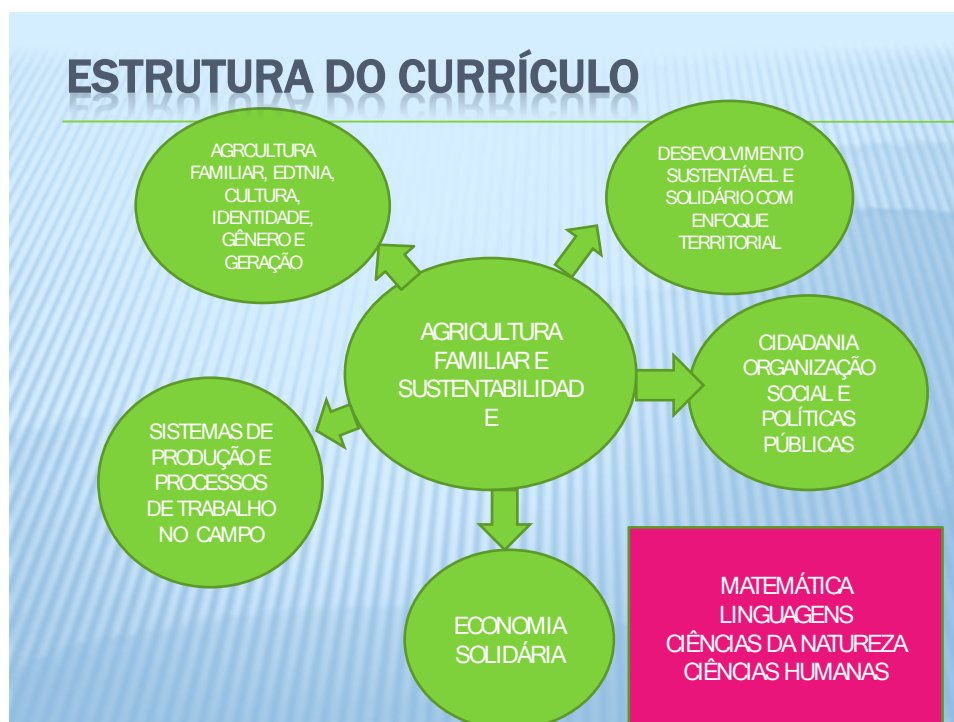


Figura 1. BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Cadernos pedagógicos do ProJovem Campo- Saberes da Terra. Brasília: MEC/SECAD, 2008.

No esquema do currículo, vê-se que o ensino de língua portuguesa não pode e não deve estar dissociado do ensino da diversidade linguística. O respeito às variantes linguísticas perpassa os 5 eixos temáticos que estão interligados entre si e com o eixo articulador *Agricultura familiar e Sustentabilidade*.

O reconhecimento de que é preciso ensinar a linguagem padrão, mas, também, os outros tipos de linguagem imprimem ao ensino da língua o entendimento de que a língua ultrapassa as fronteiras das regras gramaticais, desvendando preconceitos estigmatizados na sociedade e abordando as diferenças dialetais, de classe social, de idade, de sexo, de variação histórica, de variações de registro e ainda a necessidade de os falantes utilizarem mais de uma variante linguística dependendo dos contextos situacionais que se lhes apresentem. Ainda é preciso acabar com mitos do tipo: só quem fala o português corretamente são os ricos; estudar português é difícil, a língua tem uma uniformidade surpreendente; é preciso falar assim porque se escreve assim, entre outros (BAGNO, 1999).

Para fazer uma reflexão acerca da diversidade linguística, investigou-se o léxico, muitos teóricos realizam estudos referente ao léxico em contexto de fala e escrita. Segundo Marcuschi (2004), o estudo do léxico é como uma rede de relações conjunta que envolve aspectos sociais, culturais e cognitivos para a produção de sentido socialmente situado, a partir destes estudos teóricos, investigou-se palavras de uso corrente e apenas oral, usadas pelos educandos/as da comunidade Açudinho- Brejo da Madre de Deus/PE, e códigos, no Sítio Açudinho, em Brejo da Madre de Deus. De acordo com esta unvestigação, as palavras usadas na fala e/ou na escrita de uma comunidade reflete o universo o qual os sujeitos estão inseridos, pois não se pode dissociar o contexto social e uso das palavras.

Como a observação participativa nas aulas de linguagem e códigos, na referida comunidade, viu-se a elaboração de **Um glossário de palavras do campo**, o qual retrata fatores sociais, históricos, culturais, e territoriais dos sujeitos camponeses, além de contribuir para a descontextualização do preconceito linguístico existente na sociedade, inclusive por parte dos educandos/as da comunidade que acham suas falas “erradas”, “feias” e “matutas”, como se eles não soubessem falar o português. Os

educandos diagnosticaram que as palavras usadas na fala e/ou na escrita de uma comunidade reflete o universo o qual os sujeitos estão inseridos, pois não se pode dissociar o contexto social e uso das palavras. Observe-se abaixo, a tabela 1, com algumas palavras do glossário de uso campesino da comunidade Açudinho- Brejo da Madre de Deus/PE.

| <b>Palavras de uso corrente e usadas na fala pela comunidade</b> | <b>Palavras de uso corrente e usadas na escrita padrão pela comunidade</b> |
|--|--|
| Artura   | Altura   |
| Adibaxo  | Debaixo  |
| Arvri  | Árvore   |
| Arubu  | Urubu  |
| Agaroba  | Algaroba   |
| Barrer   | Varrer   |
| Butar  | Colocar  |
| Baicão   | Balcão   |
| Bassoura   | Vassoura   |
| Bebo   | Bêbado   |
| Cardeirão  | Caldeirão  |
| Carnavá  | Carnaval   |
| Caxa   | Caixa  |
| Chacra   | Chácara  |
| Deixi  | Deixei   |
| Despois  | Depois   |

|               |           |
|---------------|-----------|
| Fêra          | Feira     |
| Foia          | Folha     |
| Fósfu / Fóscu | Fósforo   |
| Fruita        | Fruta     |
| Inté          | Até       |
| Entonces      | Então     |
| Esprito       | Espírito  |
| Inzemplo      | Exemplo   |
| Istambo       | Estômago  |
| Lampida       | Lâmpada   |
| Muié          | Mulher    |
| Numbru        | Número    |
| Omi / Omim    | Homem     |
| Pexe          | Peixe     |
| Pitoco        | Botão     |
| Prantar       | Plantar   |
| Prantio       | Plantio   |
| Preguntar     | Perguntar |
| Saluçó        | Soluço    |
| Xicra         | Xícara    |

De acordo com esta tabela, vê-se que o levantamento lexical evidencia, efetivamente, as vivências e o contexto da realidade campesina, em que o ensino da diversidade linguística, prática dos educadores da área de linguagem e seus códigos, tem resultado no fortalecimento identitário da comunidade Açudinho. Percebe-se, também, que além de serem respeitados os saberes linguísticos prévios dos educandos/as, a norma-padrão é ensinada e valorizada na escola. Essa prática tem surtido resultados positivos no ensino de língua portuguesa e tem feito com que os educandos/as se interessem mais pelo aprendizado da língua e da norma-padrão, tanto na oralidade quanto na escrita. O respeito à diversidade linguística se dá aos diversos usos da língua, pois todas as variantes linguísticas (padrão, coloquial, popular, jargão, gíria...) devem ser adequadas ao estilo socialmente situado.

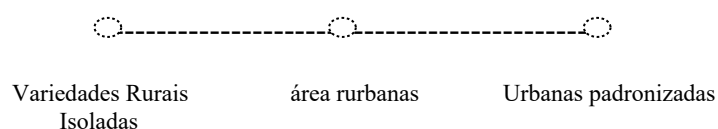
Para entender sistematicamente como se constitui o processo axiológico da variação linguística, no Programa ProJovem Campo - Saberes da Terra em Pernambuco, levantou-se duas categorias analíticas:

**1. Palavras do português brasileiro arcaico no contexto urbano** – buscando identificar palavras que caíram em desuso na área urbana, porém no campo ainda são proferidas;

**2. Transgressões linguísticas previstas na estrutura da própria língua** – buscando identificar mutações que ocorrem na língua oral interferindo na estrutura fonológica das palavras.

As duas categorias permitem fazer uma breve análise nas palavras de uso corrente e oralmente usadas pelos educandos/as desta comunidade do campo. Tomou-se como metodologia analítica deste tópico, o contínuo de urbanização sugerido por Bortoni-Ricardo (2004), uma vez que ela explica que a partir deste contínuo,

[...] qualquer falante do português brasileiro em um determinado ponto desse contínuo, levando em conta a região onde ele nasceu e vive. [...] O contínuo de urbanização pode ser representado assim:



(BORTONI-RICARDO, 2004, p.52).



De acordo com o contínuo, as variações linguísticas existentes no território rural e diferem das existentes na área urbana, como por exemplo: **Lampida, Arvri, Carnavá, Chacra, Fósfu/Fóscu, Numbru, Bebo**, entre outras. Bortoni-Ricardo (2004) tece um comentário sobre a palavra **inté** e salienta que: “Inté – é uma forma arcaica da preposição até. [...] Observe que muitas palavras encontradas hoje no pólo rural são arcaísmos que se preservam e podem ser encontradas em obras antigas, como *Os Lusíadas* [...]” (BORTONI-RICARDO, 2004, p.54).

Sendo assim, ancoradas na sociolinguística, vê-se que algumas transgressões ocorridas na fala são previstas na própria arquitetura fonológica da língua, é o caso da monotongação (redução dos ditongos fêra- feira, peixe-peixe) e a desnasalização (ocorrência nos ditongos nasais omi-omim-homem), estes fenômenos são tipicamente encontrados nas práticas cotidianas de uso nos falantes camponeses, elucidando que estas palavras listadas no glossário não caíram em desuso na área rural e, por falta de conhecimentos linguísticos, são até ridicularizadas na área urbana. Observe-se o relato de um educador e de um educando do Projovem ao ser questionado

**Pergunta: De que forma você, como educador/a, contribui para que haja a diversidade linguística em sala de aula?**

**Resposta:** Procuo trazer para as aulas alguns textos que retratem as duas modalidades da língua, trabalhando a partir destes a variação linguística e o monitoramento destas variantes, a fim de os alunos terem a percepção que se deve adequar a linguagem utilizada às situações socialmente situadas.

**Pergunta: O seu modo peculiar de falar é desrespeitada no âmbito escolar ou nas atividades proposta pelo docente?**

**Resposta:** Não, aqui nós aprendemos que nossa fala não é errada, e que a maneira como falamos é uma variante da língua portuguesa. No entanto, muitas palavras usadas no nosso dia-a-dia não podem ser escritas da mesma forma que pronunciamos, porque muitas pessoas não irão entender, ou porque aconteceu alguma mudança histórica-social na língua ou porque não está de acordo com a (in)formalidade da ocasião socialmente situada.

Nestas respostas tanto do educador quanto da educadora, percebe-se que a diversidade linguística é ensinada e valorizada na escola, com a finalidade de fortalecer a identidade sócio-histórico-cultural dos sujeitos camponeses, ao mesmo tempo que descontextualiza a ideia errônea de que o ensino de língua portuguesa se resume a gramática. Os educandos/as passaram a saber que a gramática é necessária, mas o FALAR certo varia de onde para onde de quando para quando e de quem para quem.

Com este estudo, pode-se ressaltar que neste programa, os educandos/as da comunidade Açudinho, em Brejo da Madre de Deus- PE, partem de uma educação linguística inclusiva, sensível aos saberes dos educandos, contudo, evidencia fortemente que, é papel da escola ensinar as variações linguísticas e relacioná-las ao contexto sócio-histórico-cultural de uma comunidade para que o educando tenha mais autonomia e uma maior consciência axiológicas de suas particularidades, mas que ao mesmo tempo saiba monitorar e adequar seu estilo linguísticos às situações de uso socialmente situadas.

## Referências

- BAGNO, Marcos. **Preconceito linguístico: O que é, como se faz.** São Paulo: Loyola, 1999.
- BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Educação em língua materna: a sociolinguística na sala de aula.** São Paulo: Parábola Editorial, 2004.
- BRASIL, Ministério da Educação. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização. **Cadernos Pedagógicos do ProJovem Campo-Saberes da Terra/Brasil.** Brasília: MEC/SECAD, 2008.
- \_\_\_\_\_. **Lei de Diretrizes e Bases.** Lei Nº 9394/96 de 20 de dezembro de 1996.
- \_\_\_\_\_. MEC/SECAD - **Educação do Campo.** [www.mec.gov.br/secad](http://www.mec.gov.br/secad) - Acessado em 02/03/2012.
- LAGE, Allene Carvalho. Lutas por inclusão nas margens do Atlântico: um estudo comparado entre as experiências do Movimento dos Sem Terra/Brasil e da associação in Foco. Portugal. Volume I – **Dissertação de Doutorado.** Orientador:Boa Ventura de Souza Santos. Coimbra. Faculdade de economia, Programa de Pós Graduação em Sociologia. 2005
- MARCUSCHI, L. A. **O aspecto lexical no processo de textualização.** Projeto Integrado Fala e Escrita: Características e Usos, UFPE, 2004.
- MINAYO, Maria Cecilia de Souza (org.). **Pesquisa social: Teoria, método e criatividade.** Petrópolis: Vozes, 1994.